



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV CHRISTIAN ALBERTO BECKER SCARDUELLI

**O ESQUADRÃO DE CAVALARIA HIPOMÓVEL DE CHOQUE EM OPERAÇÕES
DE CONTROLE DE DISTÚRBO EM ÁREAS URBANAS EM GRANDES
EVENTOS: AÇÕES E FORMAÇÕES**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV CHRISTIAN ALBERTO BECKER SCARDUELLI

**O ESQUADRÃO DE CAVALARIA HIPOMÓVEL DE CHOQUE EM OPERAÇÕES
DE CONTROLE DE DISTÚRPIO EM ÁREAS URBANAS EM GRANDES
EVENTOS: AÇÕES E FORMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

ORIENTADOR: Sérgio Guedes Ferreira

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX – DESMII
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Cav CHRISTIAN ALBERTO BECKER SCARDUELLI**

Título: O ESQUADRÃO DE CAVALARIA HIPOMÓVEL DE CHOQUE EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIO EM ÁREAS URBANAS EM GRANDES EVENTOS: AÇÕES E FORMAÇÕES

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
LUCIANO LARRI CHAMORRA QUEVEDO - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão	
ELTON PADILHA TORRES - Cap 1º Membro	
SÉRGIO GUEDES FERREIRA - Cap 2º Membro e Orientador	

CHRISTIAN ALBERTO BECKER SCARDUELLI – Cap
Aluno

À minha esposa amada, que sempre esteve ao meu lado e soube compreender as diversas horas em que fiquei ausente ao lar por conta dos estudos.
A minha família, fortaleza em todos os momentos.

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar as ações, formações e formas de emprego do Esquadrão de Choque Hipomóvel em Operações de Controle de Distúrbios (OCD), as quais estão inseridas nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), focando em um cenário de grandes eventos em área urbana. Nos dias de hoje a Força Terrestre cada vez mais atua neste tipo de missão, necessitando de tropas adestradas para bem cumpri-las. As Operações de Controle de Distúrbio visam reestabelecer a ordem pública em situações de crise, consequência do desequilíbrio momentâneo das pessoas envolvidas em um evento. Este trabalho visa descrever a atuação da tropa montada desde sua preparação e planejamento, passando pela execução propriamente dita até a última fase que consiste na reorganização em final de missão após cessado o incidente, abordando aspectos táticos e logísticos, capacidades e limitações, formações adotadas e a sequência das etapas para emprego. Para atingir os objetivos foram realizadas pesquisas bibliográficas em fontes do Exército Brasileiro, das polícias militares estaduais e monografias acerca do assunto. Dos resultados obtidos, foi verificada a necessidade de padronizações entre as unidades do Exército Brasileiro que empregam este tipo de tropa, bem como a elaboração de um manual específico para esta fração, a fim de aprimorar a doutrina empregada, visto que grande parte da literatura encontrada decorre das polícias militares. Conclui-se que um constante treinamento e trocas de experiência entre Exército e Polícias Militares seria de extrema relevância para aprimoramento das frações.

Palavras-chave: Operação de Controle de Distúrbio. Esquadrão Hipomóvel. Áreas Urbanas. Grandes Eventos.

ABSTRACT

The present work intends to present the actions, formations and forms of employment of the Mounted Squad Shock in Disorder Control Operations (DCO), which are inserted in the operations of Guarantee of the Law and Order (GLO), focusing on a scenario of major events in urban area. Nowadays, the Land Force is increasingly working on this type of mission, needing trained troops to fulfill them. The Disorder Control Operations aim to reestablish the public order in crisis situations, as a consequence of the momentary imbalance of the people involved in an event. This work aims to describe the performance of the mounted troop, since their preparation and planning, passing through the execution until the last phase that consists in the reorganization at the end of mission after the incident has ceased, approaching tactical and logistical aspects, capacities and limitations, formations adopted and the sequences of stages for employment. In order to reach the objectives, bibliographical research was made at Brazilian Army sources, of state military police and monographs about this subject. From the results obtained, it was verified the need for standardization among the units of the Brazilian Army that employ this type of troops, as well as the elaboration of a specific manual for this fraction, in order to improve the doctrine employed, since much of the literature found stems from the military police. It was concluded that constant training and exchange of experience between the Army and Military Police would be extremely relevant for the improvement of fractions.

Keywords: Disorder Control Operation. Mounted Squad. Urban Areas. Big events.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS	10
1.1	CAUSAS DE DISTÚRBIOS.....	11
1.2	TIPOS DE DISTÚRBIOS.....	11
1.3	DISTÚRBIOS EM ÁREAS URBANAS.....	13
1.4	DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS.....	14
2	O ESQUADRÃO DE CAVALARIA HIPOMÓVEL DE CHOQUE	16
2.1	CARACTERÍSTICAS DA TROPA MONTADA.....	16
2.2	POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES.....	20
3	O EMPREGO DO ESQUADRÃO HIPOMÓVEL EM OPERAÇÕES DE	
	CONTROLE DE DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS	22
3.1	FORMAS DE EMPREGO.....	23
3.1.1	Emprego Defensivo	23
3.1.2	Emprego Ofensivo	24
3.2	CONSIDERAÇÕES OPERACIONAIS DO EMPREGO.....	27
3.3	SEQUÊNCIA DAS AÇÕES.....	29
3.4	FORMAÇÕES DA TROPA HIPOMOVEL DE CHOQUE.....	34
3.4.1	Em Linha	35
3.4.2	Em linha de batalha	36
3.4.3	Em coluna	37
3.4.5	Em cunha	38
3.4.6	Em cunha invertida	39
3.4.7	Escalões	40
3.4.8	Em Losango	41
	Conclusão	42
	Referências	43
	Apêndice	45

INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro, juntamente com a Marinha e a Aeronáutica, de acordo com a Constituição Federal de 1988, tem como missão precípua a defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais, e da Lei e da Ordem, estabelecida pelo artigo 142º desta Constituição.

Nesse contexto e no cenário atual, cada vez mais a Força Terrestre vem realizando missões em áreas afetas ao setor de segurança pública, principalmente em momentos de realização de grandes eventos, como foi o caso da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016.

Em grande parte da história do Exército Brasileiro, o cavalo esteve presente como um meio nobre a ser empregado em momentos decisivos nas batalhas, sendo ferramenta fundamental de manobra utilizada pelos grandes Exércitos até o início do século XIX, onde passou a ocorrer o avanço da tecnologia, que trouxe consigo grandes transformações na condução das guerras.

Dessa forma, deixou de ser empregado no combate convencional, dando espaço para os modernos equipamentos de combate, tais como os Blindados, que associa movimento e alto poder de fogo.

Contudo, em um cenário de características especiais, no que tange o emprego da Força Terrestre em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), uma das opções de atuação, já consagrada em diversas polícias e exércitos pelo mundo, se dá através da utilização das Tropas Hipomóveis, considerando-se o cavalo como um meio para o cumprimento dessa missão.

O constante treinamento e aperfeiçoamento da forma de emprego dessa fração no ambiente operacional de Garantia da Lei e da Ordem seja no Controle de Distúrbios ou no patrulhamento ostensivo em áreas onde o emprego de arma de fogo contra a tropa é remoto são de extrema importância vista as características proporcionadas pela tropa montada, fazendo desta uma excelente opção de emprego.

Salienta-se que a finalidade em escrever o presente Trabalho de Conclusão de Curso visa descrever o emprego do esquadrão hipo e de seus pelotões de choque em Operações de Controle de Distúrbios, abordando aspectos quanto à manobra realizada por estas frações, desde o período que antecede seu emprego na zona de ação até retraimento ao término de missão.

O presente trabalho está dividido em três capítulos dos quais passará primeiramente no capítulo um por uma abordagem das Operações de Controle de Distúrbios, como sua causa e tipos de distúrbios. O segundo capítulo apresentará o Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel, a respeito de suas características, possibilidades e limitações. Por fim o último capítulo concentrará a ideia principal do estudo que é o Emprego do Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel em Operações de Controle de Distúrbios, apresentando as considerações do emprego, tipos, fases, formas e formações.

O método de pesquisa a ser utilizado no desenvolvimento deste trabalho será o qualitativo. A técnica de pesquisa se dará mediante consultas em bibliografias de fontes secundárias, tais como: livros, manuais, revistas especializadas na área de pesquisa, artigos via internet, dentre outros, porquanto essa fonte sustentará a fundamentação do trabalho.

Na sequência as considerações finais, onde serão destacados os pontos significativos do trabalho em que possa vislumbrar alguma oportunidade de melhoria no emprego desta ferramenta indispensável que é o cavalo ao longo de toda a história do Exército Brasileiro.

1 OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS

As Operações de Controle de Distúrbios (OCD) estão inseridas nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem, como sendo uma operação militar conduzida pelas Forças Armadas, de forma episódica, em uma área previamente estabelecida e por tempo limitado, tendo como finalidade a manutenção da ordem pública e da integridade das pessoas e do patrimônio em situação de falência das forças dos órgãos de segurança pública (GARANTIA DA LEI E DA ORDEM, 2014).

Distúrbio, de acordo com Guimarães (2014) é “uma alteração da normalidade, seja de natureza estrutural, funcional ou comportamental”. O Manual de Controle de Distúrbios Cíveis da Polícia Militar de São Paulo (1997, p.9) apresenta como “as Inquietações ou tensões que tomam a forma de manifestações violentas, situações que surgem dentro do país, decorrentes de atos de violência ou desordens prejudiciais à manutenção da Lei e da Ordem”.

Estas Operações de Controle de Distúrbios, de acordo com Rafael (2017) têm a “finalidade reestabelecer a ordem pública em situações de crise, ou seja, quando ocorre um desequilíbrio entre a razão e a emoção das pessoas envolvidas no evento crítico e uma grave perturbação dos acontecimentos da vida social”.

Fruto disso, como ocorre em vários os demais países, cabe aos órgãos de segurança e as Forças Armadas aparelharem-se e estarem prontas para gerenciar estes tipos de ocorrência, traçando princípios e doutrinas de emprego, rotinas de treinamento e atuação propriamente dita, de forma a possuir elementos especializados capaz de conterem tais crises.

Dessa forma, consideram-se como Operação de Choque todas as operações militares realizadas com o intuito de manter ou reestabelecer a ordem nos caos de ocorrência que fuja ao controle do policiamento ordinário e que exijam para sua concretização uso de medidas diferenciadas para conter a desordem gerada (MANUAL DE OPERAÇÕES DE CHOQUE DO ESPÍRITO SANTO, 2012).

1.1 CAUSAS DE DISTÚRBIOS

As causas de distúrbios podem ocorrer por motivações de cunho social, fanatismo religioso, econômico, político, calamidades públicas ou catástrofes e omissão ou falência da autoridade constituída, as quais são descritas por Santos Junior (2006, p. 20) como:

- a) Fanatismo Religioso: Assinala-se por crimes e graves desordens. Desencadeado, encontra na ignorância um alimento para o ódio. Não há outro tema onde as polêmicas tenham criado mais trágicos mal entendidos. Cada qual vê em seu adversário o inimigo de Deus.
- b) Sociais. Os distúrbios de natureza social poderão ser resultantes de conflitos raciais, religiosos, da exaltação provocada por uma comemoração, por um acontecimento esportivo ou por outra atividade social.
- c) Econômicas. Os distúrbios de origem econômica provêm de desnível entre classes sociais, desequilíbrio econômico entre regiões, divergências entre empregados e empregadores, ou resultam de condições sociais de extrema privação ou pobreza, as quais poderão induzir o povo à violência para obter utilidades necessárias à satisfação, às suas necessidades essenciais.
- d) Políticas. Os distúrbios poderão originar-se de lutas político-partidárias, divergências ideológicas estimuladas ou não por países estrangeiros, ou da tentativa para atingir o poder político por meios não legais.
- e) Conseqüentes de calamidades públicas. Determinadas condições resultantes de catástrofes poderão gerar violentos distúrbios entre o povo, pelo temor de novas ações catastróficas, pela falta de alimento, de vestuário ou de abrigo, ou mesmo em conseqüência de ações de desordem e pilhagem, levadas a efeito por elementos marginais.
- f) Conseqüências de omissão ou falência da autoridade constituída. A omissão da autoridade no exercício das suas atribuições poderá originar distúrbios levados a efeito por grupos de indivíduos induzidos à crença de que poderão violar a lei impunemente.

Como visto, o distúrbio ocorre por várias causas que afligem a sociedade e deve ser verificado em cada caso concreto. Em determinados episódios mais de uma causa poderá ser observada nos atos dos manifestantes, até mesmo a junção de grupos distintos de ideais diferentes, o que por vezes transforma o ambiente ainda mais propício à desordem.

1.2 TIPOS DE DISTÚRBIOS

Os distúrbios ocasionados pelas pessoas ocorrem de diversos modos, conforme a interpretação retirada do Manual de Operações de Choque da Polícia

Militar do Estado do Espírito Santo (2012) e do Manual de Operações de Controle de Distúrbios (1997), o qual apresenta alguns dos principais conceitos da formação dos conjuntos de pessoas.

a) Distúrbio interno ou civil: através de desordem e violência gerada pelas pessoas prejudica a manutenção da lei e da ordem. Tem sua origem através de uma turba ou tumulto.

b) Aglomeração de Pessoas: grande número de pessoas reunidas de forma não organizadas, atuando de forma isolada, ocorrendo de forma transitória e acidental, sem ser premeditado.

c) Multidão: pessoas que se reúnem para manifestar a respeito de causas que tem afinidade e objetivos comuns, não se tratando mais de uma simples aglomeração de pessoas.

d) Turba: são pessoas que com má intenção acabam se unindo sem planejamento prévio para praticar atos de desordem que violam a lei, sob motivação de intensa agitação por parte dos presentes, perdendo o senso da razão. Existem três tipos de turba: turba agressiva onde os envolvidos realizam atos de grande violência; turba em pânico onde o que se busca é a autodefesa, mas que através desta atitude acarreta destruição; e a turba predatória onde se tem o desejo de apoderar-se de bens materiais que não os pertence. Pode gerar tumulto e distúrbios.

e) Manifestação: pessoas que se reúnem de forma hostil ou simpática a determinada condição ou autoridade, desde que não haja violação da lei vigente.

f) Tumulto: várias pessoas que se reúnem com o mesmo ideal, porém agem de forma a desrespeitar as ordens mandamentais, executando perturbações por meio de ações ilegais e com atos violentos.

g) Calamidade Pública: acontecem pelos motivos de desastres de grandes proporções e sinistros causados pelos fenômenos da natureza.

h) Perturbação de ordem pública: abrangem todos os tipos de ação que colocam em risco os bens públicos ou privados, bem como o exercício dos poderes constituídos e a manutenção da ordem pública.

Tais situações descritas acima podem ou não ocasionar o surgimento de distúrbio, necessitando do pronto emprego de tropa especializada capaz de recompor a ordem e gerenciar a crise instaurada com objetivo de evitar maiores consequências.

1.3 DISTÚRBIOS EM ÁREAS URBANAS

Os distúrbios acontecem tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas, sendo esta última tomada de um vulto maior pela proporção que pode atingir por se enquadrar em um ambiente de grande população.

Independente do tamanho da cidade haverá um local onde existirá maior número de concentração de pessoas, estejam elas utilizando-se de meios de transportes ou apenas pedestres. Estes pontos centrais, como grandes avenidas, parques, locais próximos aos centros do poder público e atividades econômicas e financeiras do município, tornam-se locais de alto potencial para qualquer tipo de manifestação, pois acabam por prejudicar diversas pessoas em suas atividades cotidianas, como por exemplo, trancar a circulação de veículos, justamente pelo objetivo maior que é de chamar a atenção ou reivindicar por alguma causa em especial (Figura 1).



FIGURA 1 – Manifestação de pessoas bloqueando estrada.
Fonte: PRF/RS (2016).

Nessa linha de pensamento Santos Junior (2006, p. 18) menciona que:

É justamente nessa área que se fará favorável a ocorrência de todo o tipo de perturbação da ordem, principalmente nos horários de "rush", ou seja, no final da jornada de trabalho, quando a população se dirige para sua

residência. Nessa hora, a ação policial é dificultada pelo tráfego intenso de veículos, como pela enorme movimentação de transeuntes, sobejando razões para que os líderes de determinados movimentos escolham esses locais para atingir seus objetivos. Na escolha desses locais dois requisitos se farão necessários, isolados ou cumulativamente, grande concentração de pessoas e tráfego intenso.

Por este motivo que a intervenção da tropa de choque, depois de cessadas as tentativas de solução por parte das forças de segurança normalmente empregadas, tornam-se extremamente essenciais, tendo em vista que os atos de distúrbio se dão em lugares de grande movimento na área urbana, e a chegada da fração apta a atuar em OCD facilita a resolução do conflito de forma ágil e rápida.

Porém, relativo aos militares das frações, é destacado que:

“[...] deverão estar atentos aos comandos determinados pelo comandante da operação, a fim de não cometerem desvios e arbitrariedades, bem como desencadear ações que não são tempestivas para a resolução da crise apresentada naquele momento”. (ALVES, 2011).

Ou seja, cabe aos militares utilizar somente a força nos limites exigidos para cada tipo de distúrbio, para então buscar restauração da ordem pública, sem o uso exagerado dos meios empregados.

1.4 DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS

Atualmente, as maiores preocupações quando da realização de um grande evento estão relacionadas à segurança, seja contra o terrorismo ou para evitar a ocorrência de distúrbios que comprometam a ordem pública durante o transcurso da atividade.

As grandes cidades do Brasil, principalmente as capitais dos estados, estão vocacionadas a receber diferentes tipos de eventos, nacionais e internacionais. Como o caso recente da Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíadas de 2016, que trouxeram ao país não apenas participantes ou visitantes como também autoridades governamentais de diversos locais do mundo.

Esses acontecimentos de grande porte, principalmente pela multidão de pessoas presentes como também pelo enfoque global a que estão sujeitos, propiciam a criação de grupos ou junção de pessoas com ou sem prévia

organização a praticar algum tipo de distúrbio, por imaginar ser o momento adequado para reivindicar aquilo que acham ter direito, colocando em risco a realização do evento e a segurança de todos os presentes, acarretando inclusive várias consequências negativas à atividade, cidade ou até mesmo ao país em caso de eventos nacionais.

Por este motivo, existe por parte das autoridades de segurança uma preocupação quanto à realização de eventos, tanto na busca da preservação da ordem como na garantia da segurança da população, o que se dá através de um planejamento minucioso de segurança, treinamentos diversos relativos a todas as possibilidades de emprego, e conseqüentemente a utilização de tropas aptas a cumprirem as missões de OCD caso haja necessidade, no contexto supracitado (Figura 2).



FIGURA 2 – Tropa montada da Polícia Militar realizando patrulhamento ostensivo na Copa do Mundo de 2014 no Brasil.
Fonte: Lucas Nanini/G1 (2014).

2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA HIPOMÓVEL DE CHOQUE

O Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel, orgânico dos Regimentos de Cavalaria de Guarda (RCG) do Exército Brasileiro, são SubUnidades (SU) aptas a serem empregadas, entre outras possibilidades, em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), com destaque para a vocação de seu emprego em Operações de Controle de Distúrbios. O 1º RCG sediado em Brasília-DF possui dois Esquadrões de Fuzileiros Hipomóveis, e o 2º RCG, sediando no Rio de Janeiro-RS e o 3º RCG, sediado em Porto Alegre-RS, possuem apenas um Esquadrão de Fuzileiros Hipomóvel. Estas SU tem em sua constituição, dependendo do Regimento, dois a três Pelotões de Choque Hipomóvel e mais a Seção de Comando, sendo cada pelotão constituído por em média 19 militares, divididos em 3 (três) Grupos de Combate (Figura 3). Dependendo da missão, estas frações atuam juntamente com a tropa de choque a pé do Esquadrão de Fuzileiros de cada um destes regimentos. (MANUAL TÉCNICO DE EQUITAÇÃO, 2017).



FIGURA 3 – Esquadrão do 3º Regimento de Cavalaria de Guarda em pronto operacional.
Fonte: Manual Técnico de Equitação (2017, p. 7-5).

2.1 CARACTERÍSTICAS DA TROPA MONTADA

A utilização do equino em segurança pública, normalmente utilizada pelas polícias militares, bem como pelo Exército em Operações de Garantia da Lei e da

Ordem, apresenta características peculiares que diferem da tropa a pé. Ter o conhecimento adequado de como empregar o cavalo da forma mais apropriada, através das características e possibilidades que este animal proporciona, contribuirá muito com o sucesso da missão.

O cavalo, através de sua estatura e porte físico, transmite a população certa imponência, ostensividade, poder repressivo e efeito psicológico, características capazes de reprimir atitudes de desordem em qualquer ambiente, além de possibilitar ao militar que o conduz uma maior visibilidade, mobilidade e flexibilidade. Tais qualidades citadas evidenciam não só a conveniência da sua utilização, mas também a heterogeneidade das missões que cabe à tropa montada (POLICASTRO, 1995).

De acordo com Salles (2009), a simples presença do cavalo no local de emprego causa um efeito psicológico dissuasor na multidão, dadas as suas características, e principalmente durante os movimentos em andaduras mais acentuados, o que é um fator positivo porque contribui para evitar o confronto direto, causador do maior número de baixas, uma vez que, na maioria das vezes, a turba se evade e é canalizada para pontos de fuga estrategicamente preparados, ante a simples aproximação da tropa montada. Em determinadas ocasiões, a simples presença da tropa de choque montada desencoraja desinteligências e tumultos, levando as partes rapidamente à negociação (Figura 4).



FIGURA 4 – Tropa de Choque Hipomóvel.
Fonte: Suzane Ohona/Ascom Polícia Militar (2009).

De acordo com o Manual Técnico de Equitação do Exército Brasileiro (2017, p. 7-1), as principais características da tropa de choque montada são:

- a) Mobilidade: o emprego do cavalo, mesmo que ao passo, permite percorrer maiores distâncias e com maior velocidade em relação a um elemento a pé, podendo ainda se utilizar da andadura trote e até mesmo o galope, caso seja necessário se locomover com maior rapidez.
- b) Flexibilidade: possibilidade de fácil mudança de formação e facilidade em acessar locais de difícil acesso para tropa a pé ou motorizada, podendo ser empregada tanto em ambiente rural quanto urbano.
- c) Rapidez: o conjunto formado pelo homem/cavalo permite uma pronta resposta de atuação quando houver necessidade.
- d) Capacidade de Atuação em terrenos variados: o cavalo permite acesso há vias que viaturas e até mesmo o homem a pé podem ter restrições de deslocamento.
- e) Comandamento do homem montado: o homem montado se encontra em um nível superior em relação aos homens a pé, facilitando a observação.

Além dessas, ainda existem outras características que refletem a importância da utilização dos equinos no emprego militar, como bem relembra Nobrega (2015):

a) Economia de Meios: capacidade de o homem montado cobrir grandes espaços em relação ao homem a pé, deslocando-se rapidamente.

b) Ação de Choque e efeito psicológico: o conjunto homem a cavalo representa ação e força, devido a massa física do cavalo, aliada à sua aparência e velocidade, causando certo receio daqueles que tem alguma intenção em atentar conta a ordem. Além disso, apesar do adestramento e treinamento cavalo/cavaleiro, o equino por ser um animal, pode gerar atitudes imprevistas, inibindo o enfrentamento por parte da pessoa que esta a pé, visto não conseguir mensurar as reações de força do cavalo.

c) Ostensividade: É a facilidade com que a tropa pode ser notada pelas pessoas, inibindo qualquer prática de atos ilícitos e assegurando uma maior sensação de proteção à população. O fato de o cavalo ser um animal com um porte físico avantajado garante a tropa montada como sendo uma das mais ostensivas.

Todas essas características demonstradas, apenas reforçam a importância e benefícios advindos do cavalo no seu prego operacional por parte dos militares. O fato do seu emprego em OCD constituir uma excelente opção de meio, por se tratar de uma operação de não guerra, destinada a conter a desordem ocasionada pela população, não se configurando um inimigo, na qual as tropas devem agir com parcimônia de forma a gerar menos agressão possível a população.

Sgnaolin (2003) afirma que o emprego da tropa montada de choque traz “o mínimo de perdas para nossas forças e o mínimo de danos à população civil”. Esta máxima deve conduzir sempre as Operações de Controle de Distúrbios.

Dentro das Operações de Controle de Distúrbios, algumas características importantes fazem da tropa montada uma excelente opção para o comando da Operação. Segundo Varlino (2005), o emprego da tropa montada associa maior mobilidade em terrenos que se apresentam bastante acidentado, sendo fundamental para auxiliar o comandante da operação na execução do objetivo de restabelecimento da ordem, em virtude do alto valor de impacto psicológico que pode causar as pessoas.

O Manual de Controle de Distúrbios da Polícia Militar do Estado de São Paulo (1997, p. 45) cita as vantagens advindas do emprego militar da fração montada:

Os recursos da Tropa Montada, através dos conjuntos PM/Cavalos, pelo porte físico dos solípedes, pelo plano superior em que o profissional se situa, pela mobilidade e força emprestada pela formação emassada, atuam estrategicamente, como impacto psicológico, ensejando níveis de inibição e desestímulos ao confronto direto.

As características, impostas através da simples presença do equino no cenário em que é empregado, propicia uma significativa economia de efetivo em relação à tropa a pé (POLICASTRO, 1995).

Basicamente, para efeitos de planejamento e comparação, a presença de um homem a cavalo, em operações de controle de distúrbio, equivale a duas viaturas ou de cinco a dez homens a pé (RODRIGUES, 2003, apud, AMARAL, 2008).

Verifica-se nessa comparação quantitativa a economia de meios gerada pelo emprego da tropa montada. Dessa forma, consegue-se atuar com menos militares estando estes montados, e em contrapartida há um aumento do campo de visão e conseqüentemente maior poder de fiscalização, com possibilidade de ser visto por muitas pessoas ao mesmo tempo, garantindo um patrulhamento ostensivo eficiente (SALLES, 2009).

2.2 POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

A versatilidade da tropa montada confere uma vasta gama de opções de emprego, diretamente relacionadas às características proporcionadas pelo equino. O esquadrão hipomóvel pode ser empregado em:

- a) Realizar a defesa de pontos sensíveis.
- b) Instalar e operar Postos de Segurança Estáticos (PSE).
- c) Instalar e operar Postos de Bloqueio e Controle de Estradas (PBCE) e de Vias Urbanas (PBCVU).
- d) Realizar a escolta de comboios, utilizando meios motorizados.
- e) Realizar Operações de Controle de Distúrbios (OCD), empregando elementos a pé e a cavalo.
- f) Realizar patrulhamentos hipomóveis e motorizado.
- g) Participar das ações de Segurança de Área de Retaguarda (Seg AR).
- h) Apoiar a segurança de autoridades militares e civis.
- i) Apoiar as operações de assuntos civis.
- j) Participar das operações contra forças irregulares.
- k) Realizar operações de Garantia da Lei da Ordem (GLO) e ações de Defesa Territorial.
- l) Participar, como tropa de choque, no restabelecimento da ordem pública.
- m) Participar de Operações Psicológicas (Op Psc) e de Ação Cívico Social (ACISO).
- n) Cumprir missões de escolta e guarda de prisioneiros (MANUAL TÉCNICO DE EQUITAÇÃO, 2017, p. 7-3).

Contudo, a tropa montada apresenta algumas limitações que devem ser levadas em consideração quando do seu emprego.

[...] permanência em missões estáticas prolongadas; execução de detenções; ação de busca e apreensão; intervenção no interior de edifícios e coberturas; necessidade de ação conjunta com tropa a pé; necessidade de apoio de transporte em deslocamentos à longa distância; capacidade limitada de apoio de fogo orgânico; necessidade de descanso para os cavalos; necessidade de locais apropriados para os animais em operações de longa duração (Caderno de Instrução do 1º RCG, 2014, p. 11).

Como o que acontece em diversos países desenvolvidos que possuem tropas montadas especializadas em Operações de Controles de Distúrbios (OCD), o Brasil deve dar importância no aprofundamento do estudo da Operacionalidade do Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel e condução do seu emprego pelo Exército Brasileiro, demonstrando a necessidade e preparo constantes para o aprimoramento dos seus quadros. Assim, Amaral (2008, p. 52) afirma:

As unidades hipomóveis (Hipo), procuraram uma forma de preparar e empregar suas subunidades (SU) hipomóveis no cumprimento dessas missões, vislumbrando-se, então, a possibilidade do emprego de cavalos nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem.

A Mounted Police Training Academy Inc (2009) relata que a maioria das pessoas não percebe o que a unidade montada é capaz de realizar, tendo uma preparação desafiadora que ocorre nos bastidores, de forma a fornecer o nível de especialização e eficácia ideal para cumprir a missão.

Desta forma, com as constantes evoluções dos combates, e o desenvolvimento tecnológico e as mudanças táticas advindas do combate moderno, a utilização do cavalo de forma eficaz buscou seu espaço nos dias atuais. Assim, para Sgnaolin (2003, p. 21), “o Brasil também pode utilizar elementos hipomóveis nas Operações de GLO conduzidas pela Força Terrestre”, reforçando que seu emprego ainda é bem sucedido e traz vantagens pelas características da tropa.

3 O EMPREGO DO ESQUADRÃO HIPOMÓVEL EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS

Uma das possibilidades de emprego do Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel de Choque, frente às características específicas apresentadas no capítulo anterior, é o emprego operacional no âmbito das Operações de Garantia da Lei e da Ordem, particularmente, em Operações de Controle de Distúrbios.

Nobrega (2014, p. 9) afirma que “é indiscutível que o emprego de cavalos em Ações de Controle de Distúrbios é fundamental para o perfeito cumprimento das missões atribuídas à Polícia Militar do Estado de São Paulo”.

Ainda, segundo Santos (2015, p. 9):

[...] mesmo nos países mais desenvolvidos, em cujos exércitos a tecnologia bélica (ou mesmo policial) é o grande diferencial, a tropa montada é ainda peça de manobra de fundamental importância pelas características que apresenta, como baixa letalidade, ação de choque, ação psicológica, entre outras, e tem seu principal emprego em operações internas de policiamento extensivo e controle de distúrbios civis.

Uma Força que conta com uma tropa especializada, perfeitamente equipada, e com os meios adequados, está apta a cumprir as missões em qualquer cenário que se apresente. Não obstante, o correto treinamento e emprego de uma tropa hipomóvel representa um diferencial em determinadas operações.

A Cavalaria se encontra no último degrau (última voz), sendo o derradeiro trunfo a ser lançado no cenário de conflito, pois, a necessidade de se empregá-la significa que os outros recursos táticos já cessaram. Todavia, o trabalho conjunto surge como um elemento a mais no intuito de se evitar um agravamento do quadro instalado (GASPAR, 2014, p. 3).

Existem diversas maneiras do emprego da tropa montada em Controle de Distúrbios. Por meio do estudo do comandante da operação, levando-se em conta fatores como tipo de manifestação, quantidade de pessoas e local de emprego, é que se decidirá a melhor forma de emprego do esquadrão ou pelotão hipo.

O Manual Técnico de Equitação (2017, p. 7-6) cita que:

O objetivo principal de uma tropa montada nas OCD é a dispersão da multidão e não sua detenção ou confinamento. A dispersão deve ser

planejada de forma que dificulte ou desmotive os manifestantes a outra reunião imediata.

Tendo por base as características, possibilidades e limitações advindas do emprego da tropa montada de choque, bem como as consequências que podem advir diante do quadro de distúrbio apresentado, é que o comandante geral de uma operação decidirá pela atuação ou não desta fração e a forma como a ação irá se desenvolver.

3.1 FORMAS DE EMPREGO

3.1.1 Emprego Defensivo

O emprego defensivo, também chamado de emprego preventivo, é quando o pelotão hipomóvel constitui a reserva da tropa de choque a pé, que esta em primeiro escalão, permanecendo aquartelada em prontidão, aguardando ordem para seu emprego, ou acompanhando elementos da tropa a pé que já estão atuando. Nesse último caso, ela permanece à retaguarda dos homens a pé, em distância que não sofra nenhum tipo de ação por parte dos manifestantes (MANUAL TÉCNICO DE EQUITAÇÃO, 2017).

Estando em reserva, o pelotão montado pode cumprir outras missões, tais como patrulhamento de área, escoltas, encaminhamento de manifestantes e proteção dos flancos.

Segundo Viana (2007), o emprego preventivo da tropa de OCD ocorre quando se visualiza, pelo desenrolar da manifestação, a incapacidade das forças policiais de reestabelecer a ordem. Assim, ocupam-se previamente locais onde possa haver junção de manifestantes, podendo nesta ocasião serem fracionados os pelotões até o nível esquadra, a fim de realizarem patrulhamento para evitar concentrações de pessoas não desejáveis.

Santos Junior (2006, p.36) ressalta que “é primordial o emprego preventivo de patrulhas montadas a fim de evitar a aglomeração de manifestantes”. Dessa forma, a ação prévia pode gerar um ganho ao se evitar um quadro de instabilidade que possa surgir, evitando confrontos mais severos entre tropa e manifestantes.

O emprego preventivo deve ser buscado sempre como primeira opção, com o objetivo de se evitar o confronto das tropas com as forças antagônicas. As evoluções realizadas pelas tropas a pé e montada, demonstração de força e ocupação prévia e controle de pontos sensíveis servem para dissuadir a massa causando um impacto psicológico em seus integrantes (VIANA, 2007).

No momento em que as massas populares se organizam para os atos, bem como durante a manifestação propriamente dita, elas podem vir a se tornar agressivas e fora de controle, fazendo com que a tropa hipomóvel execute patrulhas nas proximidades desse local, coibindo ações adversas e repassando ao escalão superior as informações de prováveis ações hostis (AMARAL, 2008).

A tropa também poderá ser deslocada para próximo dos manifestantes e, neste momento, apoiada por elementos a pé, prisões de manifestantes e agitadores poderão se suceder, com isolamento ou evacuação da região, e aí as frações hipomóveis poderão cumprir missões de escolta e guarda de presos. Neste tipo de missão, é realizado um cerco em torno do preso, que deve ser conduzido por integrantes de tropa a pé (AMARAL, 2008, p. 63).

Como última tentativa de dissuasão, no seu emprego preventivo, a tropa montada realiza uma investida, a cerca de 100 metros dos manifestantes, a qual é denominada de carga de cavalaria. Salienta-se, porém, que por ainda estar em contexto preventivo, ela não é empregada diretamente sobre os manifestantes, sendo apenas para efeito persuasório (MANUAL TÉCNICO DE EQUITAZÃO, 2017).

3.1.2 Emprego Ofensivo

O emprego ofensivo, também chamado de emprego repressivo, ocorre quando o conflito se agrava de forma que os manifestantes estão praticamente fora de controle. Dessa forma, a tropa hipo é empregada utilizando-se de sua mobilidade, velocidade, ação de choque e força, produzindo um efeito psicológico, a fim de dispersar a multidão, com o intuito de dificultar os manifestantes a realizarem outra aglomeração em sequência (VIANA, 2007).

É através dessa demonstração de força, que se busca inibir os manifestantes e desestimulá-los do confronto contra as tropas militares. A atuação ofensiva compreende as ações de repelir e dispersar.

Conforme o Manual Técnico de Equitação (2017), repelir consiste em direcionar os manifestantes para um local previamente definido, podendo esta ação ser com energia, levando-os para longe da área que se quer deixar livre. Também descreve que “esta atitude não implica, necessariamente, na dispersão da massa humana, uma vez que as pessoas poderão continuar agrupadas”.

Ainda segundo o mesmo manual, dispersar é a operação de deslocar os manifestantes, dividindo-os, com o objetivo de impedi-los de se reagrupar. Inicialmente deve ser realizada uma ação de choque, forçando a desorganização das pessoas, por meio de sucessivas manobras. Após, mantem-se patrulhas lançadas a fim de impedir o reagrupamento dessas pessoas, para não ocasionar novamente atos de desordem.

No emprego repressivo, é ideal que a tropa montada deva ser acompanhada por elementos a pé e meios motorizados para potencializar suas ações; bem como na definição das andaduras (passo, trote e galope) utilizadas para se buscar o efeito de impacto desejado. Segundo o Manual Técnico de Equitação (2017, p. 7-9), “os grandes espaços e terrenos abertos permitem à tropa a cavalo o seu melhor rendimento, com grande impacto psicológico, ensejando níveis de inibição e desestímulo ao confronto direto”.

Como último recurso da ação repressiva, quando não se consegue conter os manifestantes através dos procedimentos normais de choque, executa-se a carga de cavalaria por parte das tropas hipomóveis.

A carga da cavalaria é o um recurso utilizado para dispersar de forma mais enérgica e agressiva as pessoas causadoras da desordem que resistem às ações dos militares. Para sua execução, o comandante deve ter atenção com alguns detalhes, como a análise das condições do piso e se existem vias de escoamento para dispersão. É realizada com a tropa emassada, adotando a formação em batalha ou linha (CADERNO DE INSTRUÇÃO DO 1º RCG, 2014).

Se a tropa montada estiver sendo empregada juntamente com a tropa a pé, inicialmente executam-se as cargas do seguinte modo:

A partir do acionamento para a realização da carga de cavalaria, a tropa hipo desborda o flanco da tropa a pé e executa a mesma para a dispersão dos agentes perturbadores da ordem pública. Após a realização da carga de varredura, na qual se executa uma rápida investida, o pelotão choque retorna para a retaguarda da tropa de Infantaria, entretanto ocupando o

flanco oposto da sua posição inicial (CADERNO DE INSTRUÇÃO 1º RCG, 2014, p. 31).

Dessa forma, à medida que a cargas são executadas, a tropa avança, ganhando terreno em direção aos manifestantes, esperando pela dispersão dos mesmos.

Contudo, de acordo com o Manual Técnico de Equitação (2017), se a ação apenas é realizada pela tropa de choque montada, esta irá progredir aos poucos no terreno, através de lances curtos de pequenas cargas. Para isso, antes de se iniciar a carga, deve-se prever um alto dos manifestantes, aproximadamente cinquenta a cem metros destes, como expressão de força, após ter executado alguns lances de galope, mantendo a formação, com distâncias e intervalos previstos. O comandante da fração deve buscar ao máximo fazer com que estas surtidas gerem o efeito esperado, a fim de que não necessite executar a carga diretamente contra os manifestantes. Caso não surta tal efeito, através do temor gerado pelo efeito psicológico, a tropa prossegue na ação, visando à dispersão, executando a carga de cavalaria em direção as pessoas, na qual cada militar alarga ao máximo o galope de sua montada (Figura 5).



FIGURA 5 – Tropa de choque montada executando uma carga de cavalaria contra os manifestantes.
Fonte: RPMon/PMDF (2009).

Segundo o Caderno de Instrução do 1º RCG (2014), a carga é realizada quantas vezes forem necessárias, até que se tenha uma diminuição das ações dos manifestantes, podendo até mesmo iniciar-se um combate corpo a corpo entre a

tropa e as pessoas que resistem à ação, até o momento que se concretize o objetivo de eliminar o foco do distúrbio. Cabe ressaltar, que após a realização da carga, é de grande importância uma rápida reorganização para uma nova investida se for o caso. Evita-se ao máximo a dispersão, uma vez que um militar isolado constitui-se em um alvo fácil aos manifestantes.

Santos Junior (2006, p. 36) afirma que “a repressão não é interessante para a polícia militar, mas se necessário for será utilizada para dispersar a multidão, evitando o embate, valendo-se das características impactantes do policiamento montado”.

Um cuidado importante a ser observado em relação ao emprego da carga de cavalaria direcionada sobre os manifestantes como último recurso, é que deve ser realizada em locais que possuam vias de escoamento à retaguarda da massa de forma a ocorrer à dispersão das pessoas, pois as mesmas podem vir a entrar em pânico diante da ação da cavalaria, acarretando consequências prejudiciais a operação (AMARAL, 2008).

Estas vias devem ser analisadas por ocasião dos reconhecimentos previamente realizados, de modo que comportem a dispersão das pessoas de acordo com o número de manifestantes existentes, evitando ao máximo ocasionar feridos e mortos, comprometendo a operação como um todo.

3.2 CONSIDERAÇÕES OPERACIONAIS DO EMPREGO

O planejamento de uma Operação de Choque, realizada muitas vezes de forma rápida, motivada pela carência de tempo devido ao repentino início de uma situação de distúrbios, faz com que as ações da tropa que venha a ser empregada seja de conhecimento de todos seus integrantes, desencadeando todas as etapas subsequentes de forma ágil e precisa. Contudo, quando se vislumbra a possibilidade de emprego, os próprios comandantes das Unidades Militares já vêm acompanhando os desdobramentos dos diversos acontecimentos de forma a facilitar os estudos de situação necessários para evitar futuras surpresas quando da atuação.

É o sentido de atuação sincronizada dos recursos do Comando de Policiamento de Choque cuja definição, para tanto, deve decorrer de levantamento adequado e preciso das peculiaridades do movimento, da localidade com suas vias de acesso e escoamento, nível de agressividade e tática dos manifestantes (MANUAL DA POLÍCIA DO ESTADO DE SP, 1997, p. 45).

Após judiciosa avaliação do ambiente onde será empregada a tropa e recursos disponíveis, o comando de uma OCD estabelece missões para a tropa montada.

Alguns cuidados devem ser adotados nesse estudo, como:

a) O reconhecimento

É fundamental para o emprego do pelotão hipomóvel, pois serão levantados todos os aspectos relevantes, de forma a ratificar ou retificar o planejamento inicial. É importante realizar um estudo minucioso do local, a fim de serem levantadas as principais vias de acesso, distâncias, bem como suas condições de trânsito. Devem, também, ser levantadas as dimensões das vias, iluminação, fluxo de veículos e pessoas, assim como verificação de pontos sensíveis (bancos, instalações públicas, escolas).

b) O terreno

É de vital importância, pois devem ser observados o tipo de calçamento, a existência de ladeiras, a presença de cursos d'água e pontes, a altura da rede elétrica e os obstáculos naturais e artificiais. É necessário que se levante alguns locais que proporcionem segurança e cobertura para áreas de desembarque e reunião da tropa.

c) O grupo social

Deve-se levar em consideração o grupo social que habita/frequenta a região onde ocorrerá a operação, para realização de um planejamento prévio de atuação e de relacionamento com a comunidade. É necessário verificar a predominância do grupo social hostilizado, para auxiliar na padronização de alguns procedimentos e atitudes por parte da tropa (MANUAL TÉCNICO DE EQUIPAÇÃO, 2017, p 7-6).

Enquanto o comandante de esquadrão e pelotões executam o estudo realizado através do reconhecimento aproximado no local da operação os demais integrantes das frações realizam as medidas administrativas na área de apoio logístico. Nesse reconhecimento deve ser priorizado o deslocamento a pé, a fim de não denunciar a posição. Nesse caso, os seguintes aspectos devem ser levados em consideração, de acordo com o Caderno de Instrução de Choque do 1º Regimento de Cavalaria de Guarda (2014, p. 28):

a) Reconhecer o itinerário do deslocamento da tropa até o local previsto para a atuação da mesma.

b) Verificar o tempo para este deslocamento e em qual andadura será realizado o percurso.

- c) Reconhecer o local exato ao qual a tropa irá permanecer até a sua atuação, normalmente no flanco e a retaguarda da tropa de infantaria em contato.
- d) Realizar a ligação com as tropas choque de infantaria que já estarão realizando as missões OCD, recebendo as ordens específicas dos mesmos, bem como informando, a nossa tropa, da atual situação que se encontra os agentes perturbadores da ordem pública em confronto.
- e) Receber da tropa de infantaria em contato o valor, dispositivo, localização e composição dos agentes perturbadores da ordem pública.
- f) Reconhecer os principais locais onde poderão ser realizadas as cargas pela tropa Hipo Choque, verificando se existe locais onde possa ocorrer algum tipo de afunilamento ou divisão da tropa, fruto do terreno da operação.
- g) Por fim verificar se as condições climáticas podem de alguma forma, prejudicar a atuação, na sua plenitude, das tropas Hipo na operação.

Após a verificação dos aspectos no momento do reconhecimento, o comandante de esquadrão e seus comandantes de pelotão retornam à área de apoio logístico, mantendo o contato com algum elemento das tropas de infantaria, para que as informações do confronto possam ser atualizadas em tempo real enquanto são transmitidas as ordens aos pelotões hipo.

Todos os planejamentos e cuidados, além de objetivarem o cumprimento da missão, estão diretamente relacionados com a segurança, tanto da tropa como das pessoas envolvidas na manifestação, a fim de reestabelecer de maneira mais rápida possível o controle da situação por parte das forças de segurança empregadas, sem que haja a ocorrência de danos aos manifestantes.

De acordo com Santos Junior (2006, p. 36), é necessário previamente “o levantamento sobre a quantidade de manifestantes, os ânimos dos manifestantes, identificarem possíveis líderes”, a fim de escolher a melhor formação a ser empregada, buscando eficiência e precisão nas ações desencadeadas.

3.3 SEQUÊNCIA DAS AÇÕES

O emprego dos pelotões hipomóveis de choque tem as primeiras atividades antes mesmo de chegar à zona de ação. Inicialmente a tropa realiza o deslocamento do quartel até a região próxima onde será empregado.

Dependendo da distância o deslocamento pode ser realizado através de viaturas próprias para transporte rodoviário de equinos (Figura 6) ou pelo próprio deslocamento a cavalo.



FIGURA 6 – Embarque dos cavalos da tropa de choque.
Fonte: Caderno de Instrução do 1º RCG (2014).

Em ambos os casos, uma tropa motorizada proporciona segurança ao Esquadrão Hipomóvel durante seu deslocamento até o local previsto para concentração, sendo esta designada como área de apoio logístico. Também serão utilizadas viaturas para transporte de material na operação, dando o suporte necessário à tropa (MANUAL TÉCNICO DE EQUITAÇÃO, 2017).

[...] Quando o local de atuação da tropa montada distar mais de seis quilômetros da sede do aquartelamento, homens e cavalos deverão ser transportados embarcados em caminhão apropriados [...] (POLICASTRO, 1995, p. 48).

Ainda, segundo o Manual da Polícia Militar do Estado de São Paulo (1997, p. 57), durante o deslocamento dos animais embarcados em caminhões, o “comboio deve receber apoio de guarnições em viaturas leves, que exercerão a segurança através da vigilância à frente, retaguarda e flancos do comboio”.

Segundo o Caderno de Instrução do 1º RCG (2014), na hipótese do deslocamento já montado, os pelotões devem deslocar-se em coluna por um ou por dois, dependendo do tamanho das vias de acesso que irão percorrer, sendo também acompanhados por viaturas leves que auxiliam na segurança. A região de destino antes do emprego deve estar localizada suficientemente distante da zona de ação,

para evitar confrontos prematuros contra os manifestantes e conseqüentemente por em risco a missão.

Esta área logística fornece o suporte à operação, a qual possui peculiaridades por envolver equinos, no que tange suprimento e manutenção, como por exemplo, a necessidade de veterinários e ambulância para transporte de equinos, além das demais estruturas que normalmente já são utilizadas por uma tropa convencional. A área deve ser grande o suficiente para comportar todos os equinos envolvidos, de preferência com sombra e ponto de água, proporcionando certo conforto aos animais enquanto aguardam o início da missão (Figura 7). Toda esta logística também irá variar de acordo com a previsão de permanência da tropa em emprego (MANUAL DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1997).



FIGURA 7 – Área de Apoio Logístico
Fonte: Caderno de Instrução do 1º RCG (2014).

Com a chegada ao local de apoio logístico, cada militar realiza uma rápida conferência do material e do seu respectivo cavalo, a fim de observar a ocorrência de algum ferimento durante o deslocamento que possa impossibilitar sua atuação. Feitas as medidas administrativas e recebidas às missões do comandante de Esquadrão logo após o estudo realizado, os pelotões estão prontos para iniciar o deslocamento até o local onde se desenvolverá as ações de OCD.

Neste deslocamento, considerando uma situação tática com o propósito de emprego repressivo, o Manual Técnico de Equitação (2017) prescreve que deverá ser feito ao passo ou ao trote, em coluna por um ou por dois, pelo itinerário de deslocamento previamente escolhido até a zona de ação, aonde irá se postar ao flanco ou à retaguarda da tropa de choque a pé, o que normalmente ocorre, visto o emprego conjunto das frações, conjugando possibilidades, suprimindo limitações e conferindo proteção e apoio mútuo.

O emprego combinado de uma tropa de choque a pé e montada, em uma situação ideal para o emprego do Esquadrão Hipomóvel, seria de um pelotão de choque montado em reforço a uma Unidade de tropa a pé de infantaria e de um GC Hipomóvel para uma SubUnidade a pé (SGNAOLIN, 2003). Com isso, numa atuação em conjunto, o comandante da tropa a pé passa a coordenar as ações operacionais da tropa montada.

Através da conjunção de emprego dos recursos diferenciados das Unidades de Choque que a Corporação alcança a desenvoltura e flexibilidade operacionais, necessárias e imprescindíveis, para fazer frente às mais diversas e variadas situações de distúrbios civis, possibilitando, assim, resposta pronta e imediata, sem qualquer tipo de restrição com vistas ao restabelecimento da ordem pública (MANUAL CONTROLE DISTURBIOS CIVIS POLICIA MILITAR SP, 1997, p.45).

Como mencionado, o emprego em conjunto das tropas a pé e montada, são de extrema relevância principalmente em relação a maior capacidade operativa e apoio mútuo de tropas com natureza distintas, embora não seja uma obrigatoriedade, e sim um ideal, visto que agindo de forma isolada, as vulnerabilidades e limitações da tropa montada acentuam-se.

A tropa montada pode desempenhar diversas funções durante a atuação em conjunto com a tropa de choque a pé. Entre elas ressalta-se:

[...] guarnecer os flancos e reforçar a retaguarda do avanço, evitando-se que integrantes da força adversa escapem à ação da polícia. Pode, ainda, acompanhar os grupos de busca e captura na ocasião de ações isoladas, permitindo, assim, uma capacidade de infiltração pela força no seio das manifestações. Permite, também, uma maior visualização devido ao fato dos policiais montados estarem em um patamar acima daqueles que estão a pé, podendo prestar informações importantes para a operação. Enfim, a tropa montada atuando como reforço, principalmente à retaguarda, influi positivamente no contexto da atuação da tropa a pé (GASPAR, 2014, p.3).

A melhor posição para a tropa hipo é nos flancos e à retaguarda da tropa a pé, visto que por meio desse dispositivo, obtém-se proteção contra objetos arremessados que possam vir dos manifestantes (Figura 8). Sgnaolin (2003, p. 23) ainda afirma que “inicialmente o GC Hipo deve ser posicionado em reserva, onde a massa do conjunto fornece ao dispositivo aprofundamento e efeito dissuasório, facilmente observado pelos manifestantes”.



FIGURA 8 – Emprego combinado de tropa de choque montada e a pé. Na figura, tropa montada a retaguarda da tropa a pé. Fonte: Viana (2013).

Com o decorrer da operação, o pelotão hipo executa, mediante ordem, quantas cargas forem necessárias para dispersar os manifestantes, a fim de que a tropa a pé possa avançar com seus homens no terreno, deslocando as pessoas presentes para um local seguro ou para que ocorra a dispersão das mesmas, conseguindo, desta maneira, a retomada do controle daquela região. Controlada a situação com o fim da manifestação e sem mais a presença de seus integrantes nas proximidades, o comandante da Operação pode ordenar o término da ação, iniciando a desmobilização, através do retraimento para a área de apoio logístico, com a reversão do pelotão que estava em reforço à tropa a pé ao seu esquadrão de origem. Executa-se uma rápida conferência de pessoal e material, para verificar possíveis baixas de cavalos e pessoal, bem como armamento e equipamento. O retraimento para a área de apoio logístico ocorre de preferência pelo mesmo

itinerário de ida, com os mesmo cuidados do deslocamento e segurança. Na área de apoio, deve ocorrer uma nova verificação pormenorizada, e a partir daí inicia-se o embarque dos cavalos nas viaturas de transporte para retorno ao quartel (CADERNO DE INSTRUÇÃO DO 1º RCG, 2014).

3.4 FORMAÇÕES DA TROPA HIPOMÓVEL DE CHOQUE

Na atuação em OCD, confrontando com manifestantes, uma das maneiras de o comandante de esquadrão e pelotão intervir é através da manobra. Manobra, segundo o Glossário de Termos Militares (2009, p. 151) é “o movimento destinado a colocar forças, equipamentos ou fogos em uma situação vantajosa em relação ao inimigo ou para cumprir determinada missão”.

Sendo assim, o emprego adequado dos meios no campo tático irá conduzir ao sucesso da missão. O correto entendimento de como proceder a ação, após estudo dos fatores determinantes da consciência situacional, faz com que se adote a melhor forma de manobra a ser realizada. Segundo Rodrigues (2003, apud AMARAL, 2008, p.65), “para manobrar o esquadrão hipomóvel é fundamental o completo conhecimento das formações de emprego da tropa em OCD”. No planejamento da manobra deverá ser levado em conta pelo comandante da operação o julgamento de alguns aspectos, de forma a priorizar um ou outro, como tempo ou velocidade das ações, largura ou profundidade das frações, dispersão ou proximidade dos elementos dos pelotões. Tais escolhas tendem a ter reflexo na forma correta de abordagem das tropas em direção aos manifestantes e no êxito da missão.

As formações deverão ser exaustivamente treinadas, a fim de não serem motivo de dúvidas de nenhum integrante da tropa empregada em OCD. Os deslocamentos até a área de operações podem ser feitos em coluna de pelotão com a testa formada por um, dois ou três, dependendo da via de acesso que esteja sendo utilizada (AMARAL, 2008, p.65).

Cabe salientar, de acordo com o Manual Técnico de Equitação (2017), que nesse tipo de operação, um princípio extremamente importante a ser levado em consideração é impedir a ação de qualquer militar isolado, fora da formação estipulada, em qualquer que seja a situação ou momento.

Com a finalidade de manter seu caráter de tropa disciplinada e de atuação como um todo, salvo em situações extraordinárias, o Pelotão de Choque atuará como um grupo compacto indivisível. Tal procedimento além de facilitar o comandamento, fiscalização e controle, visa causar o impacto ou um temor no manifestante que não é causado por um PM atuando de forma individualizada (SANTOS JUNIOR, 2006, p.34).

A atuação em um grupo indivisível, não se dá apenas pela finalidade de não comprometer o objetivo da missão, mas também pelo fato de proporcionar segurança aos militares. Como faz referência o Manual de Controle de Distúrbios Cívicos do Estado de São Paulo (1997, p. 58):

Cada fração de Tropa Montada deve, através de seu Cmt, contar com o esquema de segurança próprio ou decorrente de apoio de recursos de Unidades Operacionais de Choque para casos de acidentes envolvendo 1 conjunto PM/cavalo ou mais, para que a operação não venha a ser comprometida.

As formações a serem adotadas pela tropa hipomóvel devem ser utilizadas de acordo com os critérios do estudo de situação por parte dos comandantes, levando-se em consideração fatores como terreno, quantidade de manifestantes, tipo de manifestação e meios disponíveis, como já citados. Para Amaral (2008, p.65) “é importante que a tropa aborde a zona de ação já na formação planejada, evitando assim manobras desnecessárias junto aos manifestantes”.

As formações utilizadas pelas tropas montadas de choque devem proporcionar apoio mútuo entre os militares, as quais sua escolha depende das variáveis que podem estar presentes em virtude das ações dos manifestantes, o que vai definir a escolha de uma entre todas empregadas. De acordo com o Manual Técnico de Equitação (2017) e o Manual de Controle de Distúrbio da Polícia Militar do Estado de São Paulo (1997), têm-se as seguintes formações da tropa hipomóvel listadas a seguir:

3.4.1 Em Linha

Como uma formação ofensiva adotada pela tropa hipo, a formação em linha visa direcionar a massa para a retaguarda e dispersá-la. Como formação defensiva,

tem por objetivo isolar áreas ou conter os manifestantes para que não avancem sobre algum local (Figura 9).



FIGURA 9 - Formação em linha.
Fonte: Manual Técnico de Equitação (2017).

Quando em grande número possui bastante poder persuasivo, devido à frente que ocupa. Suas desvantagens são as necessidades de proteção à retaguarda, para evitar seu envolvimento pelos manifestantes, e a dificuldade de comando e controle quanto maior for o efetivo empregado. Normalmente constitui-se na formação mais apropriada para OCD.

3.4.2 Em linha de batalha

É a formação utilizada quando se requer uma frente mais ampla, empregada a partir do escalão Grupo de Combate (cada pelotão hipomóvel é composto por dois Grupos de combate), possuindo grande poder de dispersão e penetração, propiciando o aprofundamento e a segurança (Figura 10).



FIGURA 10 - Formação em linha de batalha.
Fonte: Caderno de Instrução do 1º RCG (2014).

Nesta formação, tem-se o grupamento em duas fileiras, onde a segunda fileira atua como reforço, tendo por objetivo a canalização dos manifestantes para vias de fuga ou dispersão como um todo do bloco ao ser realizada a varredura de determinada área.

3.4.3 Em coluna

Esta formação é dividida em coluna por três, por dois e por um. A formação em coluna por três é adotada nos deslocamentos das frações, principalmente em vias estreitas, que não comportam formação com frente mais ampla, caracterizando-se por proporcionar alto poder de choque e penetração devido a profundidade obtida. A partir dela, como estrutura base, se desenvolve as demais formações adotadas pelo pelotão montado (Figura 11).



FIGURA 11 - Formação em coluna.
Fonte: Manual Técnico de Equitação (2017).

Já a formação em coluna por dois e por um, são empregadas deslocamentos por vias de tráfego intenso ou, ainda, quando a situação de segurança exigir, podendo ser utilizada por qualquer constituição montada.

Salienta-se que nessas formações em que a tropa estará em forma, um atrás do outro, mantenha-se o intervalo entre os homens de um corpo de cavalo.

3.4.4 Em cunha

É uma formação que possibilita uma rápida mudança de posição por parte da tropa. Como formação ofensiva, tem como principal utilização a imposição da abertura do bloco de manifestantes, penetrando na massa e forçando a se separar em dois blocos.

Como formação defensiva, tem sua utilização para atender situações de forma rápida em qualquer direção do dispositivo, podendo mudar de frente em menos tempo (Figura 12).

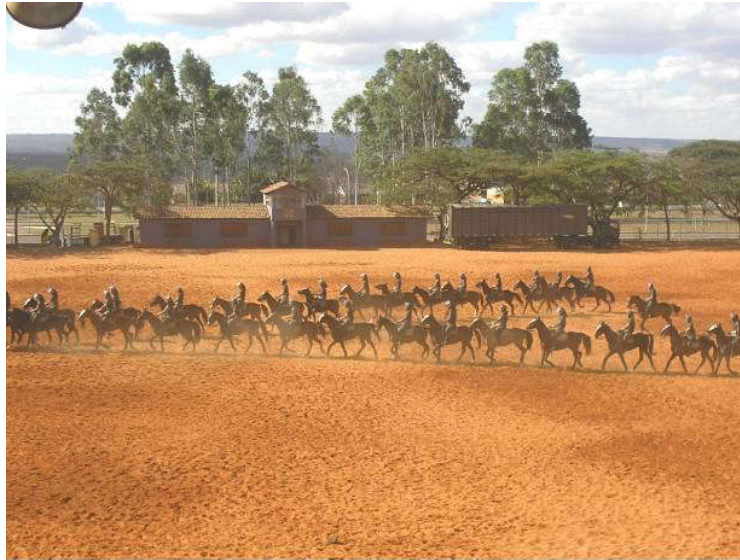


FIGURA 12 - Formação em cunha.
Fonte: Manual Técnico de Equitação (2017).

3.4.5 Em cunha invertida

Formação em cunha invertida tem como finalidade barrar um grupamento que demonstra hostilidade contra uma barreira. Além disso, pode ser utilizada para capturar e deter indivíduos (Figura 13).



FIGURA 13 - Formação em cunha invertida
Fonte: Caderno de Instrução do 1º RCG (2014).

3.4.6 Escalões

Da mesma forma que a formação em linha, a formação em escalões, no seu caráter ofensivo, tem como finalidade dispersar os manifestantes e conduzir o movimento destes para uma via de escoamento, que pode ser tanto à direita quanto para a esquerda. Como formação defensiva, visa canalizar o movimento dos manifestantes para um único sentido. Formação de difícil controle e coordenação (Figura 14).



FIGURA 14 - Formação em escalões.
Fonte: Manual Técnico de Equitação (2017).

3.4.7 Em Losango

No aspecto ofensivo, é utilizada para penetrar no grupo de manifestantes, a fim de dividir o grupo de pessoas. Como dispositivo defensivo, opta-se pela formação em losango quando se exige segurança em todas as direções. Formação comumente adotada quando se necessita realizar uma determinada busca ou captura de algum líder (Figura 15).



FIGURA 15 - Formação em losango.
Fonte: Manual Técnico de Equitação (2017)

CONCLUSÃO

Diante do exposto foi possível observar que o emprego do cavalo galgou seu espaço mesmo diante das novas tecnologias, principalmente na área da segurança pública. Sua utilização eficiente em diversos países do mundo, e que no Brasil se confirmou pelo seu recente emprego na Copa do Mundo e nas Olimpíadas, mostrou-se um meio capaz e vantajoso nas Operações de GLO, principalmente em Operações de Controle de Distúrbios, fazendo da tropa montada ainda ser uma necessidade nos dias de hoje.

Por este motivo o Exército Brasileiro, como preceitua a Constituição Federal, na qual pode ser empregado em Operações dessa natureza, deve buscar o constante aprimoramento da utilização dos meios a serem empregados, pois cada vez é maior sua participação nessas atividades.

Juntamente com a tropa a pé, o conjunto tropa montada e homens a pé garantem uma melhor efetividade quando empregadas, aumentando as capacidades e diminuindo as vulnerabilidades, sendo mais eficientes na solução dos conflitos. AS diversas formações garantem à tropa as condições necessárias para enfrentar as diversas ocorrências que possam existir.

Além disso, um apoio logístico adequado, durante todas as fases de emprego do Esquadrão Hipomóvel, garante o sucesso da operação. A necessidade de um planejamento detalhando e um reconhecimento da área de atuação cresce de importância a fim de não comprometer a missão, visto a necessidade logística que a tropa hipomóvel carece, desde a saída do quartel até o local do distúrbio.

Os Regimentos de Cavalaria de Guarda, unidades possuidoras do plantel equino do Exército, necessitam acompanhar a constante evolução na forma como as tropas dessa natureza são preparadas e empregadas. Aos militares envolvidos nessas atividades devem ser proporcionadas condições de aprimorar as técnicas, executando diversos treinamentos a fim de se obter melhores resultados quando empregados.

Por fim salienta-se que mesmo em dias onde cada vez mais a modernidade esta presente no campo de atuação do Exército e das forças de segurança, o emprego de equino ainda tem seu espaço garantido diante dos inúmeros benefícios que traz pelo sem emprego.

REFERÊNCIAS

ALVES, Pedro Paulo Pereira. **A tropa especializada de controle de distúrbios civis e o seu emprego operacional em razão da perturbação da ordem pública.** Aspectos legais e técnicos. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 16, n. 2903, 2011. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/19340>>. Acesso em: 4 set. 2017.

AMARAL, Cássio Diogo Cunha do. **O Emprego Operacional do Cavalo em Operações de Controle de Distúrbio e o Adestramento dos Esquadrões Hipomóveis.** Revista Giro do Horizonte, Rio de Janeiro, Ano 1, p. 51-68, 2008.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **IP 85-1: Operações de GLO.** Brasília, DF, 2001.

_____. Exército. Estado-Maior. **C 19-15: Operações de Controle de Distúrbios.** Brasília, DF, 1997.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF. Senado Federal, 1988. 292 p.

_____. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **EB60-MT-26.401: Manual Técnico de Equitação.** Rio de Janeiro, RJ, 1ª ed, 2017.

_____. MD. Estado Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD33-M-10: Garantia da Lei e da Ordem.** Brasília, DF, 2ª ed, 2014.

_____. Exército. Estado Maior. **C 20-1: Glossário de Termos e expressões para uso no Exército.** Manual de Campanha. Brasília, DF, 4ª ed, 2009.

EBRE, Guilherme Santana. **O Emprego do Esquadrão de Choque Hipomóvel nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem.** 1º RCG. Brasília, 2009

GASPAR, Cristiano Luiz. Diretrizes Gerais de Operações de Choque Montado da PMERJ/2014. Rio de Janeiro, RJ, nº 001, 2014.

GUIMARÃES, Angela Costa. **Dicionário Informal.** 2014. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/dist%C3%BArbio/8779/>>. Acesso em: 20 Ago. 2017.

M. P. T. A.'S APPROACH TO TRAINING. **Mounted Police Training Academy Inc.** Clermont, FL, 2009. Disponível em: <http://http://www.mountedpolice trainingacademy.com/about_us>. Acesso em: 16 nov. 2016.

NOBREGA, Vinicius de. **Emprego do Cavalo em Operações de Controle de Distúrbio Civil: Peculiaridades na Polícia Militar do Estado de São Paulo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Equitação) - Escola de Equitação do Exército. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

POLICASTRO, Alberto Nubie. **Manual de tropa montada**. Trabalho de Conclusão do Curso Técnico de Policiamento Montado - Polícia Militar do Estado de São Paulo. São Paulo, SP, 1995.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Comando de Policiamento Ostensivo metropolitano. **Manual de Operações de Choque**. Espírito Santo, 1ª ed, 2012.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de controle de distúrbios civis da polícia militar: M-08-PM**. São Paulo, 3ª Edição, 1997.

RAFAEL, Murilo. **Operação de Controle de Distúrbio**. 2017. Disponível em: <<https://prezi.com/gf2qjby4xalo/operacao-de-controle-de-disturbio/>> Acesso em: 18 maio 2017.

REGIMENTO DE CAVALARIA DE GUARDA. **Caderno de Instrução do 1º RCG**. Brasília, DF, 2014.

SALLES, Marcelo Vieira. **Características do Emprego da Tropa Montada**. São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <http://policiamentomontado.blogspot.com.br/2010/03/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SANTOS, Carlos Eduardo Espires Emídio dos. **O Cavalo em Operações de Controle de Distúrbios**. Preparação dos Cavalos Oriundos da Coudelaria de Rincão. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Equitação) – Escola de Equitação do Exército. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

SANTOS JUNIOR, Claudionor dos. **Implantação do Pelotão de Choque Montado no Esquadrão da Polícia Militar de Sergipe**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Equitação) - Escola de Equitação do Exército. Rio de Janeiro, RJ, 2006.

SGNAOLIN, Jéferson Moreira. **O emprego da tropa montada em operações de garantia da lei e da ordem**. Revista Sangue Novo, 2: 21-24. AMAN. Resende, 2003.

VARLINO, Eugênio. **Marx, Freud, Clausewitz e o Manual da Tropa de Choque**, 2015. Disponível em: <http://muitasbocasnotrombone2.blogspot.com.br/2015/02/marx-freud-clausewitz-e-o-manual-da.html>. Acesso em 13 jul. 2017.

VIANA, Fabiano Teixeira. **Emprego Integrado das Tropas a pé e Montada em Operações de GLO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Equitação) - Escola de Equitação do Exército. Rio de Janeiro, RJ, 2007.

APÊNDICE

SOLUÇÃO PRÁTICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2017

Título do Trabalho: O Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel de Choque em Operações de Controle de Distúrbios em Áreas Urbanas em Grandes Eventos: Ações e Formações.

Autor: Capitão Cavalaria **Christian** Alberto Becker Scarduelli

Ano: 2017

Oportunidade de Melhoria:

Diante do exposto ao longo do trabalho, há a necessidade para os Regimentos de Cavalaria de Guarda de uma padronização de efetivos do Esquadrão de Cavalaria de Choque Hipomóvel, relacionados principalmente aos pelotões, que diretamente influenciará na sua maneira e formações de emprego, de forma a facilitar a confecção de um manual que sirva de base para os três Regimentos.

O emprego de equinos em Operações de Controle de Distúrbios pelas polícias militares estaduais é constantemente utilizado, tendo os militares grande experiência nesse quesito. É interessante uma maior interação entre Exército e as frações montadas das polícias, visando uma troca de experiência, doutrina e aprendizado, de forma a existir uma semelhança na forma como é conduzido o emprego das duas forças, facilitando a sincronização das ações quando empregadas em conjunto.

Ao consultar a literatura existente acerca do assunto dentro da Força Terrestre, notam-se poucas publicações tratando especificamente do tema em questão, carecendo de um estudo pormenorizado a fim de facilitar a atuação das tropas montadas dos Regimentos de Cavalaria de Guarda. O Manual Técnico de Equitação (2017), recentemente publicado, traz uma abordagem sobre o emprego militar da tropa montada, não sendo específico do assunto, possuindo outros conteúdos relacionados a equitação no âmbito do Exército Brasileiro.

Como oportunidade de melhoria, seria interessante a confecção de um manual abordando o emprego do Regimento de Cavalaria de Guarda em Operações de Controle de Distúrbio, onde a fração de manobra seria o Esquadrão de Choque Hipomóvel, descrevendo todas suas ações até o nível Pelotão e Grupo de Combate, incluindo aspectos atinentes à preparação da tropa, o adestramento dos cavalos até a operação em si, caracterizando o que cada integrante deve fazer em cada momento da operação, bem como situações inesperadas que possam ocorrer que exijam uma conduta por parte da tropa empregada, de forma a facilitar o cumprimento da missão.

SOLUÇÃO PRÁTICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2017

Título do Trabalho: O Esquadrão de Cavalaria Hipomóvel de Choque em Operações de Controle de Distúrbios em Áreas Urbanas em Grandes Eventos: Ações e Formações.

Autor: Capitão Cavalaria **Christian** Alberto Becker Scarduelli

Ano: 2017

Oportunidade de Melhoria:

Diante do exposto ao longo do trabalho, há a necessidade para os Regimentos de Cavalaria de Guarda de uma padronização de efetivos do Esquadrão de Cavalaria de Choque Hipomóvel, relacionados principalmente aos pelotões, que diretamente influenciará na sua maneira e formações de emprego, de forma a facilitar a confecção de um manual que sirva de base para os três Regimentos.

O emprego de equinos em Operações de Controle de Distúrbios pelas polícias militares estaduais é constantemente utilizado, tendo os militares grande experiência nesse quesito. É interessante uma maior interação entre Exército e as frações montadas das polícias, visando uma troca de experiência, doutrina e aprendizado, de forma a existir uma semelhança na forma como é conduzido o emprego das duas forças, facilitando a sincronização das ações quando empregadas em conjunto.

Ao consultar a literatura existente acerca do assunto dentro da Força Terrestre, notam-se poucas publicações tratando especificamente do tema em questão, carecendo de um estudo pormenorizado a fim de facilitar a atuação das tropas montadas dos Regimentos de Cavalaria de Guarda. O Manual Técnico de Equitação (2017), recentemente publicado, traz uma abordagem sobre o emprego militar da tropa montada, não sendo específico do assunto, possuindo outros conteúdos relacionados a equitação no âmbito do Exército Brasileiro.

Como oportunidade de melhoria, seria interessante a confecção de um manual abordando o emprego do Regimento de Cavalaria de Guarda em

Operações de Controle de Distúrbio, onde a fração de manobra seria o Esquadrão de Choque Hipomóvel, descrevendo todas suas ações até o nível Pelotão e Grupo de Combate, incluindo aspectos atinentes à preparação da tropa, o adestramento dos cavalos até a operação em si, caracterizando o que cada integrante deve fazer em cada momento da operação, bem como situações inesperadas que possam ocorrer que exijam uma conduta por parte da tropa empregada, de forma a facilitar o cumprimento da missão.